Timur e a sua equipa

Já fazia três meses que o comandante da divisão blindada, o coronel Aleksandrov, não estava em casa. Provavelmente, estava na frente de batalha.

Em meados do verão, ele enviou um telegrama no qual propunha às suas filhas, Olga e Zhenya, que passassem o resto das férias perto de Moscou, na dacha.

Com o lenço colorido empurrado para a nuca e apoiada no cabo da escova, Zhenya, de carrancas fechadas, estava diante de Olga, que lhe dizia:

— Eu já fui com as malas, e tu arrumas a casa. Podes não mexer as sobrancelhas e não passar a língua nos lábios. Depois, trancas a porta. Levas os livros à biblioteca. Não vais ver as tuas amigas, vais direto à estação. De lá, envias ao pai este telegrama. Depois, apanhas o comboio e vens para a dacha... Evgeniya, tens de me obedecer. Eu sou tua irmã...

— E eu também sou tua.

— Sim... mas eu sou a mais velha... e, afinal de contas, foi o que o pai mandou.

Quando o carro que partia resfolegou no pátio, Zhenya suspirou e olhou em volta. Por toda parte havia desordem e caos. Aproximou-se do espelho empoeirado, no qual se refletia o retrato do pai pendurado na parede.

Muito bem! Que Olga seja a mais velha e que, por enquanto, seja preciso obedecer-lhe. Mas ela, Zhenya, tem o mesmo nariz, a mesma boca e as mesmas sobrancelhas do pai. E, provavelmente, terá um caráter igual ao dele.

Apertou os cabelos com mais força com o lenço. Arrancou as sandálias. Pegou num pano. Arrancou a toalha da mesa, enfiou o balde debaixo da torneira e, agarrando a escova, arrastou um monte de lixo até à soleira.

Logo, o fogareiro começou a resfolegar e o primus a zumbir.

O chão estava inundado de água. Na tina de zinco da lavandaria, a espuma de sabão chiava e estalava. E os transeuntes na rua olhavam com surpresa para a miúda descalça, de vestido vermelho, que, de pé no peitoril da janela do terceiro andar, limpava com coragem os vidros das janelas escancaradas.